



N.º 91 — LISBOA, 7 DE OUTUBRO

2.
ANO
934

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser
dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs | Brazil, anno 52 numeros..... 2\$500 rs
Semestre, 26 numeros..... 500 rs | Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 1\$800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lithographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

CHRONISTA MUNDANO

(Echos da moda)



...a saia em gaze transparente guarnecida de volants e salpicada de violetas de Parma, o corpo de seda broché com applicações de Valenciennes constituem uma toilette muito cativa que nos torna irresistíveis aos mais indiferentes. *Sida a vér.*



PRECOCIDADE NO VICIO



— Mas o que é isto? o menino a fumar?

— Então? A gente está a brincar ao comboio e sou eu que faço de machina.

Proteccionismo e patriotismo

A proposta de fazenda, relativa ao imposto de pescado, augmenta de 10 para 100 réis o kilo de direito de importação sobre o peixe fresco, desembarcado de navios estrangeiros. «E», dizem as *Novidades*, para que não torne a repetir-se o caso do *Sceptre*, que motivou a conhecida catastrophe de haver em Lisboa peixe barato d'ante perto de 24 horas».

O caso a que as *Novidades* se referem passou-se realmente assim.

Um dia aportou a Lisboa um navio inglez denominado *Sceptre*, trazendo um importante carregamento de peixe fresco. O peixe foi aqui vendido e, durante vinte e quatro horas, com effeito, pôde notar-se que o preço d'esse alimento tão grato ao paladar e tão necessario á vida, baixára sensivelmente.

Justamente, antes da chegada do navio inglez em questão, a espantosa crise de carestia de todos os generos de alimentação, attingira tambem o peixe, havendo domicilios d'onde elle começava a ser completamente bannido, como já o tinha sido a carne. As pescadas vendiam-se a quinze tostões. Perguntava-se porque razão este novo mal e ninguém sabia responder. Escasseiaria por acaso o peixe nos nossos mares? Teriam os pescadores constituído um novo *trustee*, como o do bacalhau.

N'isto sobrevem o vapor inglez e, por algumas horas, o peixe desce ao seu preço normal, volta a entrar nos pobres domicilios d'onde fóra prescripto, circula nas canastras com abundancia, torna-se facil e bemfazejo.

Mas ao mesmo tempo tambem que estes successos felizes occorriam, levantavam-se vozes irritadas, aqui e ali, clamando que era uma calamidade essa invasão de peixe estrangeiro; que as classes que viviam da pesca não poderiam d'ora ávante lutar com esta nefasta concorrência e que ao governo cumpria tomar providencias energicas para a afastar para longe, como á peste.

O governo assim fez, ou antes, assim vae fazer lançando um imposto prohibitivo sobre o peixe estrangeiro.

Ah! o peixe estrangeiro, como tantas coisas estrangeiras, vem fazer concorrência ao peixe nacional? O peixe estrangeiro vem intervir na vida nacional com o engodo do *mais barato*? Vem ajudar as classes opprimidas a lutar com a sua precaria existencia? Vem vulgarisar o peixe,

democratizar o peixe, agora que o peixe se está nobilitando e tornando-se o privilegio das classes opulentas e aristocraticas? O peixe estrangeiro vem desorganisar os interesses dos interessados em que o peixe suba, como as inscripções? Vem desmanchar a egrejinha das suas combinações e das suas tabellas? Fóra com o peixe estrangeiro! Já uma boa pauta! Já uma barreira e um batalhão da guarda fiscal! Já uma muralha da China — e que o peixe nacional suba, que encareça, que se torne inacessivel ás classes pobres, que desapareça de vez do *menu da Miséria* e que tão sómente brilhe e deslumbre á meza dos festins! Devemos essa homenagem á industria nacional, á pesca nacional, ao patriotismo, á patria!

E não ha duvida: os governos conduzem-se patrioticamente.

Em geral, os povos fazem proteccionismo para proteger as suas industrias, quando ellas não estão ainda aptas a concorrer com a industria estrangeira. Em Portugal nós fazemos proteccionismo — por patriotismo. Embora não tenhamos industrias, protegemo-las da mesma fórma. Quantas são as nossas industrias dignas d'este nome? Pouquissimas. No entanto, é vêr as pautas. As pautas defendem contra os perigos da invasão estrangeira não só as raras industrias que existem, como aquellas de que não ha vestigios. Sabe-se porventura que exista em Portugal uma industria de perfumarias? Pois bem! Essa industria não existe, mas existe uma pauta feroz que a protege.

Vejamos agora simplesmente quaes são os effeitos publicos d'este proteccionismo patriótico.

Calamitosos!

Sob o pretexto de proteger industrias que não existem ou só existem no estado de tentativas que emperaram, os governos não tem feito outra coisa senão difficultar as condições da existencia individual, coagindo o cidadão a utilizar-se de productos mal fabricados, ou obrigando-o a comprar os bons productos estrangeiros por um preço doido. Protege é certo algumas vezes, certas iniciativas e certas classes, mas faz um mal terrivel ao maior numero. Uma das razões porque a vida em Portugal é carissima é essa estúpida protecção, concedida a titulo patriótico e que é, no fim de contas, um verdadeiro attentado ao cidadão e á patria.

Se ainda nos podessemos ufanar de, com os nossos sacrificios, contribuir para o desenvolvimento da nossa vida industrial? Mas qual! Passou-se já bastante tempo depois que se fizeram os primeiros ensaios proteccionistas tendo em vista o progresso das industrias nacionaes, e as industrias nacionaes não deram um pas-

so. O seu rachtismo é tal que nem mesmo ao abrigo de pautas facciosamente proteccionistas ellas pôdem fazer concorrência á industria estrangeira. Em qualquer loja de fazendas nos ensinam isto. Certos productos da industria nacional são mais caros que os seus similares da industria estrangeira. Quando são mais baratos, tem a vantagem de que não prestam para nada. Todos nós conhecemos o aphorismo — «Quem se veste de ruim panno, veste-se duas vezes no anno». Nós vestimo-nos não duas, mas tres. E quanto nos custa este panno ruim, que enruga, empapa e muda de côr? Qualquer alfayate nolo ensina: custa pouco menos do que esses bellos, fortes, duradouros tecidos inglezes, que affrontam todas as inclemencias, frescos como uma alfaca, e dão a todo o homem esse ar bem vestido que tanto o recommenda na vida.

Nós não sabemos se ha uma pauta protectora do calçado. O que sabemos é que um par de botas em Lisboa, em qualquer dos sapateiros que tem a pretensão de nos calçar bem, custa entre cinco e sete mil réis, preço fabuloso com que no entanto muita gente transige por não haver meio de calçar mais barato. Abaixo d'aquelle preço, em Lisboa, o que ha geralmente não são botas: — são feraduras.

A nossa industria de chapellaria gosa por certo de protecção pautal, mas nem por isso faz progressos sensiveis. Fóra dos dominios do chapéu desabado, o chapéu nacional mantem esse ar arrebitado, lustroso e lambido que o torna tão antipathico e que faz com que muita gente o troque pelo chapéu inglez, que custa é certo mais caro, mas dura o dobro do tempo, sem falar de que não se torna côr de melão podre e não amollece á primeira carga d'agua.

Mas é nacional! allegam os patriotas.

Que importa! E' porventura a patria um chapéu mal feito, ou um par de botas caras?

Ultimamente os inglezes levantaram-se em massa contra o seu governo porque este, receioso da concorrência, procurou fechar a Inglaterra ao commercio estrangeiro. E' a morte da industria! disse o governo em um dos comicios em que apresentou o seu plano — e queis saber o que respondeu a Inglaterra, que passa no entanto por ser a primeira nação industrial do mundo? Respondeu isto:

— Perca-se a industria, mas salve-se o povo. Queremos a vida barata!

E em Birmingham, um operario disse:

— Tribute se o Champagne!
Estas vozes falaram em nome da razão.

JOÃO RIMANSO.

Alguns pontos de Interrogação

Uma noite d'estas, uns guardas civis de policia no Aterro lembraram-se de dar uma vista d'olhos pelos recantos das docas do porto, e, logo aos primeiros passos, encontraram dentro de uma porção de junco, quatro individuos que dormiam a somno solto.

E então passou-se isto segundó refere um jornal—as *Novidades*:

«O chefe da patrulha acordou-os, e, acto continuo, intimou-os a declarar a respectiva identidade. Primeiro os nomes:

- Como se chama?
- Leonardo Antonio Rodrigues.
- E você?
- João Ladislau Fernandes.
- E lá?
- Emilio dos Santos.
- E o outro?
- Francisco da Silva.
- Onde moram?

Aqui é que foram ellas. A esta pergunta, todos os quatro baixaram envergonhadamente a cabeça e murmuraram:

—Não temos casa. Dormimos aqui e onde calha...

—Vá, tudo para a esquadra! —ripostou o chefe da patrulha.

E uma vez ali, recambiou-os para o juizo de instrução criminal.»

Pergunta-se porque razão foram presos e mandados para o juizo de instrução criminal estes tres desventurados?

Por não terem casa.

E' então um crime não ter domicilio?

E'.

Mas se esses desventurados não tem domicilio é porque naturalmente não tem fortuna, ou recursos.

Trabalhem!

E se não souberem trabalhar? E se não tiverem trabalho?

*
* * *

Um jornal publica o seguinte apello aos corações:

«Está o inverno á porta e a infeliz filha do maestro Casimiro, Carlota Joaquina da Silva, na propecta idade de 81 annos, que ainda ha dias completou, não tem pão nem casa. D'esta foi posta fóra e a desgraçada tem pernoitado nos bancos das praças publicas! Imploramos uma esmola para esta desventurada, que, depois d'uma mocidade com todos os confortos, encontrou na velhice o desamparo e a fome. Qualquer obolo, por mais modesto que seja, pôde ser entregue na rua da Taipas, 9.»

Oitenta annos!

Sem casa? sem pão? dormindo nas praças publicas?

Mas onde está a policia que não prendeu ainda esta mulher, não a mandou para a esquadra, para o juizo de instrução, para Timor, para o inferno!

Depressa! E' na rua das Taipas, n.º 9. Ali dirão o banco onde ella dorme. Deitem-lhe a mão e livrem a sociedade d'este perigo, d'este tormento, d'este pesadello.

Ha philantropia? Ha caridade? Ha bondade? Ha assistencia?

Ha. Mas o que não pôde haver é mulheres de oitenta annos dormindo sobre os bancos das ruas, sob pena de tudo isto parecer uma antipathica mentira.

**Matutando**

Quando me assento n'um banco
Do jardim, a Santo Amaro,
Do peito esta voz arranco:
Que será feito do Franco,
Do Franco que foi a Faro?

Quando nos jornaes estudo
A verdade e a patarata,
Digo, primeiro que tudo:
Onde estará o Pencudo
Que tinha lingua de prata?

Quando acabo de jantar
E entram comigo as preguiças,
Digo, antes de resonar:
Onde se iria anichar
O Dias das hortaliças?

Quando deixo nos seus cursos
As idé's, taes ou quaes,
Pergunto a homens e a ursos:
Quem empalmou os discursos
Do prior dos Olivaeis?...

Por mais que pergunte, sonde,
Vá barbeiros consultar,
Tanto a resposta se esconde,
Que—palavra—não sei onde
A poderei encontrar!

Perguntando a Hintze Ribeiro
Talvez eu soubesse, exacto,
Dos homens o paradeiro...
Porém d'esse financeiro
Conheço só o retrato!

Só... e posso affiançal-o
Na minha melhor prosodia...
E só devo esse regalo
Ao muito illustre Bordallo
E mais á sua *Parodia*.

SIMPLICIO.

**Uma presidencia hereditaria**

A camara dos deputados do Mexico reelegem pela sexta vez presidente da Republica o general Porfirio Diaz.

Era melhor nomearem-n'o logo rei constitucional.

O homem dos saltos

Como toda a gente, o homem dos saltos foi entrevistado.

Estava, já se vê, n'um dos seus momentos lucidos, e, falando a um dos redactores de um dos nossos mais bem redigidos collegas, exprimiu-se assim:

«D'antes fugia, de noite, da casa de meus paes, inconscientemente, a toda a hora, e quantas vezes fui acordar, do ataque, no meio de pinheiraes, longe do povoado, descalço e nú como um phantasma tenebroso, envolto em neve, tendo, por todos os lados, despenhadeiros horribes! Só então, passada a inconsciencia do meu mal, é que começava a sentir o frio do gêlo que me rodeava. A minha familia procurava-me por toda a parte, mas eu fugia muito, fugia sempre por abysmos, onde ninguem iria a sangue frio.»

Mas então quem é o homem dos saltos?

Se elle se exprime assim, com esta correcção, esta elegancia e este corte litterario, elle não deve estar em Rilhafolles. Onde elle deve estar é na Academia das Sciencias.

**Nicles de chorata**

Portugal, não lamentes teu estado,
Tens em teu seio muita coisa boa;
Não faltam as touradas em Lisboa,
Os cirios vão reinando e tem reinado.

Farto de feijão branco anda o soldado
E por quatro vintens defende a c'róa;
Leva bello piloto a náu á prôa,
Quem bole na finança é sempre honrado.

Castigo marca a nossa lei famosa
Quando fala de mais qualquer gazeta
Que a pôr pontos nos i i se faz vaidosa.

Quem o caso espreitar por uma greta
Não acha a nossa dita duvidosa,
Vê que a nossa miseria é pura peta.

**Os corpos e as almas**

A população de Bemfica anda alarmada, porque o pão ali fornecido já produziu um certo numero de perturbações gastro-intestinaes, e, por outro lado, annunciam do Porto que foi ali presa uma leiteira, por deitar urina no leite.

Ainda havemos de chegar ao regimen do propheta Ezequiel, aquelle que, por mortificar-se, comia sandwichs de bosta de boi—no deserto.

Os poderes publicos, entretanto, continuam experimentando a resistencia dos corpos, como já experimentaram a das almas.

As almas resistiram pouco. Em compensação, os corpos são Bastilhas.

Abertura das Camaras e abertura do Colyseu



O ETERNO PALHAÇO

RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

A canhoneira «Tejo» e o seu futuro

Tendo saído ha dias a barra, a canhoneira-torpedeira *Tejo* voltou com uma avaria na machina.

Este importante vaso de guerra é o mesmo que na sua viagem de experiencia, tambem fóra da barra, fez aos seus tripulantes a partida de se recusar a andar, quando no alto mar, do que resultou que aquelles tiveram de passar um dia e uma noite sem comer, porque contavam estar de volta a Lisboa poucas horas depois de sairem, e só regressaram no dia seguinte, a cair de fome, quando do Arsenal se decidiram a ir buscal-os.

Em regra, esta canhoneira, em saíndo para o mar, ou não volta pelo seu pé, ou volta de gatas.

No entanto, o ministerio da marinha teima em utilisal-a nos serviços navaes. Quer por força habituar ao mar, um navio que, segundo todas as indicações, não pôde supportar o mar. E' uma verdadeira crueldade!

Nós lembramos que a ter de fazer viajar semelhante vaso de guerra, o façam viajar por terra — em wagon-leito.

Se ainda assim enjoar, então o governo não esteja com meias-medidas. Venda-a ao Bénard. A canhoneira não fica fazendo nada no Tejo e pôde fazer um vistão na *vitrine* de uma loja de brinquedos, com uma guarnição de chumbo—e com rodas.

**O céu azul**

O estrangeiro e o nacional,
Venham do norte ou do sul,
D'este ameno Portugal
Gabam muito o céu azul.

Mas, como do mesmo céu
Nunca choveram as sopas,
Fico entendendo cá eu,
Que nem sempre o trunfo é copas.

Diz me cá certo taful,
Fino qual frade Bernardo:
—De que vale o céu azul
Quando o futuro é tão pardo ?!

Saltam novas leis ao pello
Não nos vale o *John Bull*...
E eu vejo tudo amarello
Debaixo do céu azul !...

Inda o commercio, ha seis dias,
Veio, do norte e do sul,
A pedir economias
Debaixo do céu azul !...

Disse um—entre as dez e as onze
Soltando d'alma um arranco:
—Que seja o céu cor de bronze,
Mas que nos salve o João Franco !

**Dignos pares do reino...**

O discurso da corôa d'este anno não differe sensivelmente dos discursos dos annos anteriores. E', como sempre, redigido de traz para diante: «Cordiaes são felizmente as relações...» — «Elevada e momentosa é a missão...» — «A Divina Providencia nos auxilie afim de que lidimos beneficios resultem...» etc.

Esperamos, por este andar, vêr assim redigidas as futuras falas do throno:

«Do Reino Pares Dignos e Nação Portuguesa Deputados Senhores— Inaugurar os trabalhos legislativos com viva satisfação como Rei Constitucional, que venho é sempre. Os attendereis do vosso patriotismo espero que devidamente. Demais potencias cordeaes relações felizmente de Portugal são. Afim de que da legislativa sessão presente para a nação beneficios lidimos resultem, a Providencia nos auxilie Divina.

Está aberta a sessão.»

N'estas condições, inutil redigir nos discursos da corôa.

Basta simplesmente metter os discursos velhos n'um sacco e — sacco-lejal-os. Depois, chamar ao ministerio do Reino um menino e um policia— e tirar á sorte.

**A uma menina que diz****que não pareço poeta**

Diz que não lhe pareço ser poeta,
E acho mesmo provavel que assim seja;
Mas tal baptismo nunca o dá a igreja,
Apregoa-o a Fama na trombeta.

O não vestir casaca mui correcta,
Não fumar um charuto que se veja,
Não me priva de que entre na peleja
Da bella piadinha de chupeta.

Tambem vossencia, branca como os leites,
Pedindo em formosura a todas meças,
Dando aos olhos mortaes ternos delectes,

Apezar de almoçar pão de Meleças,
Tomar chá, e trazer tantos enfeites,
Parece lavadeira de Caneças !

**Uma dispepsia**

O Luciano das ratas continúa a encontrar fugas de gaz na canalisação do sub-solo.

Aqui está porque o gaz illumina tão mal a cidade — Perde-se todo por baixo.

Enfim! E' um caso de dispepsia flatulenta na canalisação.

Nós aconselhamos a Companhia do Gaz, carvão — de Beloc.

GUITARRA DA PARODIA**MOTE**

Os amores de hoje em dia
São falsos como o melão:
Tem de se partir um cento
Para se encontrar um são.

GLOSA

Olha lá, Maria Ignez,
Minha queridinha neta,
Não penses que estou pateta
Por ser velha como vês.
Eu falo com altivez,
Vendo d'este mundo a orgia...
E o teu avô bem dizia
Quando dava palha aos bois:
—Não valem dois caracoes
Os amores de hoje em dia !

Esses janotas, que tem
Penteados os bigodes,
São pelintras, são jagodes,
Andam todos sem vintem !...
Lá nas *cantigas* vão bem
Por que á escola todos vão...
Porém n'isto de paixão
(Pae do céu, tu nos acudas !)
São tão falsos como Judas,
São falsos como o melão !

O teu pae, lá em Fanhões,
Teve um bello meloal...
Se o tempo não ia mal,
Dava e vendia melões !...
Sobram-te pois as razões
P'ra teres conhecimento
De que o fructo sumarinto
Raras vezes é perfeito...
Para se achar um com geito
Tem de se partir um cento !

Minha boa Ignez, decora
Estas palavras leaes:
—A pécha dos meloaeos
Tem-n'a os amantes d'agora !...
Vae namorando, namora,
Mas com olho espertalhão...
E assenta lá no canhão
Este conselho seguinte:
—Preciso é namorar vinte
Para se encontrar um são !

VENANCIO.

**O SAL**

O sal, a sua origem e o seu consumo são objecto de um largo estudo em um jornal da tarde, o qual conclue por verificar que o sal é indispensavel á vida.

Nem sempre.

Por exemplo — nas contas. As contas salgadas não só não são indispensaveis, como são intempestivas na vida.

Refere o jornal em questão que todos os povos, desde as mais remotas eras, mostram uma especial predilecção pelo sal.

N'este particular assim é. Os povos adoram o sal. Os hespanhoes, por exemplo, põem sal em tudo — até nas mulheres.

Um ex-incredulo

(Continuação)

com um meu amigo pediu-me para que seguisse o tratamento DIAS AMADO provando-me quanto tambem tinha soffrido, e garantiu-me a cura. Comecei então o uso do depurativo DIAS AMADO não sem que estivesse convencida da nullidade para a minha doença, mas desejava provar ao meu amigo que não havia remedio algum que me podesse curar. Qual não foi o meu espanto quando ao acabar o 8.º frasco já não sentia dores, comia e dormia bem, e as feridas iam desaparecendo como por encanto! O meu amigo seguia com interesse e trata

(Continúa).

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

SERVICO DOS ARMAZENS—Fornecimento de 320 toneladas de coke.

No dia 17 de outubro, pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 320 toneladas de carvão de coke

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central dos armazens (edificio de estação de Santa Apolonia,) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, e em Paris, nos escriptorios da Companhia, 28, rue de Châteaudum.

O deposito para ser admittido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central do Rocio.

Lisboa, 7 de setembro de 1904.
Pelo director geral da companhia—O Engenheiro Sub-Director, —Augusto Luciano S. de Carvalho.

AVISO AO PUBLICO

Desde 1 de setembro de 1904 será posta em vigor a nova tarifa especial interna n.º 9 de grande velocidade.—Bilhetes collectivos para grupos de 12 ou mais passageiros de 3.ª classe, em todas as linhas d'esta Companhia com excepção do Ramal de Cascaes.

Nas estações d'esta companhia pôde o publico consultar e obter por compra a referida tarifa

Lisboa, 19 de agosto de 1904.

Pelo director geral da Companhia, o engenheiro sub-director—Augusto Luciano de Carvalho.



Ourivesaria e Relojoaria

com officina annexa de fabrico e consertos

FLORINDO
JOIAS COM bilhantes
PREÇOS Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

COLLECCÃO HORAS DE LEITURA

Publicação mensal em volumes formato 8.º (alguns illustrados) de romances dos melhores auctores, a 200 réis o volume

Publicação economica, interessante e esmerada

OBRAS PUBLICADAS

- IVANHOÉ, celebre romance de Walter Scott, 4 volumes illustrados.
- O FRADE NEGRO, romance de Clemence Robert, 1 volume.
- AS SEMIVIRGENS, romance de Marci Prévost, 2 volumes illustrados (esgotado).
- WERTHER, romance de a. von Goethe, 1 volume illustrado.
- MADAME ELIRT, romance de Jacques Yvel, extrahido da peça com o mesmo titulo.
- A TABERNA (L'Assomoir), celebre romance de Emile Zola, 3 volumes.
- O VIGARIO DE WAKEFIELD, de Goldsmith, 1 volume.
- A VIDA AOS VINTE ANNOS, de Alexandre Dumas (filho).
- AGUA PROFUNDA, de Paul Bourget.
- O DOMINÓ AMARELLO, de Mar.ª Prévost.
- CORTEZA, romance, por A. Belot.
- O ROSQUEDO, romance de costumes do Mi. ho, por Delphim Guimarães.

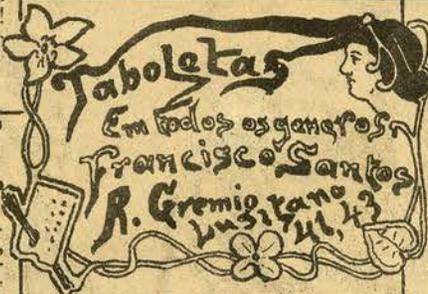
A sair em Outubro:

OS VAGABUNDOS, de M. Gorki.

Em publicação:

O PARAIZO DAS DAMAS, de Zola.

LIVRARIA EDITORA
GUIMARAES & C.ª
108, Rua de S. Roque, 108
LISBOA



CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

BANHOS

DAS afamadadas aguas do Poço do Borratem, conhecidas desde 1592 com grande exito nas molestias de pelle e outras enfermidades. Fazem-se assignaturas de 10 banhos simples ou douciles com 20 % de des.onto de vapor com „o %). Abre este antigo estabelecimento a 5 horas da manhã e fecha ás 6 da tarde.

4, Poço de Borratem, 1.º



Peça V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

RESTAURANT PARIS

JOSÉ FERNANDES

SERVEM-SE: Jantares de mesa redonda a 600 réis

Serviço de lista a toda a hora

Pratos especiaes para ceias

Gabinetes de 1.º ordem

65, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 67
2 e 4, Travessa da Cara, 2 e 4— LISBOA



Callista pedreiro

JERONIMO FERNANDES

Empregado da casa Ornellas

R. SERPA PINTO, 48, 1.º

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e

Edesneramento de unhas

pelos mais moderno processos até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que visite este consulto io para se certificar doverdadeira milagres que ali se operam.

Das 9 as 5 da tarde



CASA DAS TESOURAS

Soneto do ex.º sr. Eduardo Rodrigues de Carvalho, de «Serrases», S. Pedro do Sul:

Camões, quando escreveu essa epopeia, que assombra com seu nome o mundo inteiro, cantando um povo heroico e tão guerreiro, que pelo mundo os feitos seus semeia.

Quando falou de tanto cavalleiro modulando na lyra a fina ideia, metteu-se dentro de um gabão d'Aveiro e escreveu isto, p'ra que o mundo leia:

— Tu a quem foram reinos subjugados, averás senhor, qual é mais excellent» se ter tantos imperios conquistados,

«se ser do mundo rei, se de tal gente!

«melhor seria, se aprobevesse aos fados,

Que eu trouxesse os gabões do Zé Clemente.

Sobretudo da moda de 6\$000 a 25\$000

Gabões de Aveiro de 3\$800 a 25\$000

para senhoras e meninas de 8\$000 a

45\$000 réis.

51—R. da Escola Polytechnica—55



ORTHOPÉDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS

e aparelhos orthopedicos

DE **MANUEL MARTINS**

FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS

DE SAUDE, DE BENEFICENCIA,

ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MUTUOS, ETC.

154, Rua da Magdalena, 154-A

(ANTIGA Calçada do Ceidas Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa

AINDA BEM

No conflito entre os imperios da Russia e do Japão temos mantido stricta neutralidade.

(DISCURSO DA CORÔA)



— Obrigadinho, oh! menino!...